



Avião da Emirates vai servir Angola três vezes por semana | DR

Emirates vão voar para Angola

A companhia aérea árabe vai iniciar os seus voos para a capital angolana, Luanda, a partir de Doha, no Dubai, em Outubro

A TRANSPORTADORA aérea Emirates vai passar a voar três vezes por semana para Angola, a partir de 25 de Outubro. Os voos vão ligar a capital do Dubai, Doha, à congénere angolana, Luanda.

Esta é a 17ª rota da companhia dos Emirados Árabes Unidos, onde se situa o Dubai, para África, estreando-se no mesmo mês em que a rota para Durban, na África do Sul.

«Com o início da actividade em Luanda, a 25 de Outubro e em Durban, no mesmo mês, será também um ano de interessantes desafios neste

vasto continente», disse ao SOL o presidente da Emirates, Tim Clark. «No último ano, registámos um crescimento de 17% na nossa operação em África».

Os voos serão efectuados à terça-feira, quinta-feira e domingo. Esta rota será operada por um avião Boeing e o seu público-alvo são «os empresários angolanos que têm como base para os seus negócios os Emirados Árabes Unidos e outros destinos operados pela Emirates. Simultaneamente, reforçará a troca de experiências entre duas eco-

nomias que coincidem numa forte aposta nos sectores petrolífero e do turismo», referiu fonte oficial ao SOL.

O voo para Luanda visa suprir uma lacuna nas rotas oferecidas pela Emirates para a África Ocidental, pois além de Acra, no Gana, Abidjan, na Costa do Marfim e Lagos, na Nigéria, não existia nenhuma oferta para esta zona africana.

Actualmente, a Emirates voa para 97 destinos em todos o mundo, passando por cerca de 60 países. Não existe, porém, nenhum voo para a Península Ibérica. Aliás, o aeroporto mais próximo onde se pode apanhar um avião da companhia estatal do Dubai é o de Nice, no sul de França.

Com 48.246 empregados, o grupo Emirates obteve um volume de negócios de 8,82 mil milhões de euros em 2008, um aumento de 10,5% face a 2007, quando registou 7,98 mil milhões de euros.

Apesar da melhoria no volume de negócios, o lucro líquido caiu de mil milhões de euros, em 2007, para os 284 milhões de euros, em 2008.

Frederico Pinheiro

ÉTICA E REPUTAÇÃO:

Queremos empresas conhecidas ou empresas respeitadas?

Actualmente, quando se pergunta a uma criança o que quer ser quando for grande, obtemos, geralmente, a seguinte resposta: 'quero ser famoso(a)!' Com efeito, para quê estudar e trabalhar se quem tem mais sucesso é simplesmente quem é mais famoso(a)?

Este é um efeito secundário de termos uma comunicação livre, independente e auto-determinada numa era pautada pela imagem. Os media são sobretudo os meios pelos quais nos podemos tornar publicamente conhecidos e reconhecidos, alcançar notoriedade, ser famosos ou, mais do que isso, ser notáveis e ter uma boa reputação.

Na minha profissão, habituei-me desde muito cedo à distinção clássica entre informação e opinião, entre o que é ser notório e conhecido e o que é ser notável/credível e ter boa reputação.

Os media vão sofrendo mutações profundas, como acontece nos dias que correm, com a perda de influência dos meios de comunicação de massa e a valorização da *internet*, mas a distinção entre a informação e a opinião, entre ser conhecido e ser tido em boa conta, permanece.

Acredito que mais importante do que ser reconhecido publicamente e ter notoriedade, é ter notabilidade, ser notável por algum motivo, ser credível e respeitável. Ter uma boa reputação!

Ou seja, mais do que terem muita informação sobre nós (o que, sem dúvida, ajuda a sermos famosos/conhecidos), é importante que tenham uma boa opinião sobre nós... Não compensa ser famoso a qualquer custo, mas compensa ter sempre uma boa reputação. Recordemos a boa reputação que tinham os responsáveis pela gestão financeira que nos levou à crise que actualmente atravessamos, antes da comunicação social nos dar a conhecer a verdade dos factos.

'Que falta de ética!', podemos agora exclamar. No entanto, não devemos esquecer que todos nós participámos de alguma forma – com o nosso estilo de vida, os nossos hábitos de consumo, expectativas e valores sociais – naquilo que conduziu ao aumento progressivo da especulação financeira.

Certamente já todos ouviram uma figura pública afirmar: 'não me importa o que dizem de mim, interessa é que falem de mim...!' Claramente para estas pessoas não importa se têm ou não boa reputação, mas sim se têm visibilidade, se são conhecidos, enfim... famosos!

Mas podemos ter uma boa reputação sem ética? Para que quem nos avalia tenha uma boa opinião sobre nós, tem de partilhar connosco os mesmos padrões éticos. Tal como na comunicação, tem de haver um código em comum.

No entanto, adoptar um determinado código ético é apenas o princípio. Para ter uma boa reputação é necessário agir em conformidade com esse código e saber comunicá-lo, para que todos tenham efectivo conhecimento de que não apenas defendemos determinados valores éticos, mas também os aplicamos na nossa conduta, pessoal e profissional.

Vivemos um défice de confiança. As instituições não confiam umas nas outras, o cidadão não confia nas instituições e a credibilidade está comprometida, com consequências preocupantes. É urgente que se adopte um novo modelo de valores, mas também é necessária muita coragem.

Esperemos que a ÉTICA esteja – efectivamente – de volta à nossa sociedade em todos os seus domínios. Porque se é certo que todos temos direitos, também é certo que todos temos deveres: cidadãos, empresários, políticos!



Carla Guedes

*Directora-geral Reputation

É urgente que se adopte um novo código de valores, mas também é necessária muita coragem

Censos aprovado

O Conselho de Ministros angolano aprovou o processo preparatório para a realização do censo populacional e de habitação em Angola, que vai arrancar em 2010. O Governo pretende com este censo obter informações sobre a estrutura da população, sua distribuição geográfica e evolução, bem como elaborar o planeamento e ordenamento do território, com vista à «optimização dos recursos e à concessão de programas sustentáveis de desenvolvimento económico e social e do ambiente», referiu a ministra do Planeamento de Angola, Ana Dias Lourenço.